

O EXEMPLO

Anno II

Redactor e editor
Arthur Andrade
ESCRITORIO
Rua Andradas—247

Propriedade de uma associação

Porto Alegre — Domingo, 20 de Agosto de 1893

Director-gerente
Marcillo Freitas

ASSIGNATURAS
Trimestre... 1\$500

N. 36

Ainda Pelo Dever

Com quanto as considerações contidas em meu ultimo escripto não passassem de frageis ataduras, nas lancetadas vacillantes dadas em nossa orientação pelo amigo Miguel Cardozo, no ultimo artigo da serie que publicou, eu já esperava o « Por coherencia, » resultante da revolta do amor proprio, que impelle a quebrar, mas não torcer, contra os protestos da consciencia, que mandanos dar as mãos á palmatoria, quando estamos em erro.

Porém o amigo Cardozo não foi coherente na seriedade de doutrinação sensata com que traçou os citados artigos; pois, cambaleando como um acrobata que perde o equilibrio, cahiu estirado na arena da troça.

No afan de chocallar os guisos do ridiculo, com o desventurado intento de abafar a voz da razão, que o impulsiona a tergiversar, negando aquillo que affirma, diz que o facto collegial que alludi remonta a 30 annos; quando das victimas do professor, que faltava ao seu dever *official* de instruir a todos, sem distincção de côres, (eu, Arthur Paulino da Rosa, José Manoel Antonio Filho, Gonçalves de Menezes e muitos outros), si uns já attingiram aos 30, a maior parte ainda está nos 20 e tantos!

Confunde alhos com bugalhos, insistindo que não existe o preconceito de côr, *official*, porque não é de lei!

A constituição, lei que nos iguala, não passa de mera machina, que pôde ser muito boa, mas que só se móve conforme a intuição e patriotismo do encarregado de fazê-la trabalhar *officialmente*: Se é bem intencionado e imparcial, gosamos de todas as regalias que a mesma constituição nos assegura; em caso contrario, a lei é vilipendiada, é let-

tra morta ante a ineptia e retrogradismo de quem se acha investido da autoridade *official* de distribui-la pelo povo; pois applica-a de accordo unicamente com seus interesses partidarios ou pessoais. Abundam na historia exemplos de perturbações internas pela má interpretação da lei; portanto o mal de que nos queixamos não é legal e sim puramente *official*; porque os individuos investidos dos cargos *officiaes* procedem influenciados, pelcs costumes inherentes á sua origem.

O amigo é de uma ingenuidade lamentavelmente pasmosa, quando vem-nos dizer que « ... o facto não prova o preconceito *official*; porquanto a lei da Instrucção Publica não estatue isso. » E' justamente porque a lei do ensino não exclue os alumnos, por serem pretos ou pardos, que devemos combater os abusos que afugentam-nos das escolas; abusos que se reproduzem quasi diariamente e que meu *joven* patriocio não tem conhecimento, por ser *menino* de hontem. Não podia ser mais infeliz e nem armar melhor forca para enforçar-se do que trazer á baila o nome de José do Patrocínio, como exemplo de homem de côr chamado a occupar um cargo publico.

Pois o amigo ignora que no Rio de Janeiro, José do Patrocínio, pela sua actividade indomavel, pelo seu talento robusto, foi um dos fundadores do abolicionismo? que impoz-se á confiança de seus adeptos pelos seus esforços incessantes, chamando a si as atenções do povo, com tão admiravel pertinacia, que foi ameaçado de deportação, por ser julgado elemento perturbador da ordem?

Tão pernicioso foi a autoridade desse grande vulto no seu partido, que nos ultimos dias da monarchia

teve influencia sufficiente para alliar, sob a denominação tetrica de « Guarda Negra, » uma caterva de fanaticos que o obedeciam com a solicitude de perdigueiros, o que viria a ser, para o futuro, o germen de uma raça odiada! Homens de tal quilate não são *chamados*, são uma especie de abelha-mestre, da qual depende o enxame, para organização da colmeia social.

Quanto ao argumento com o qual pensa destruir o topico em que accidentalmente fallei em Gaspar Martins, só tenho a oppôr-lhe o seguinte: Quando a civilização reclamou dos filhos eminentes do Brasil o concurso de seus esforços para redimir uma parte de sua população, que gemia sob o peso aviltante e deshumanitario do captivoiro, o arguto conselheiro concorreu tambem com o obulo de sua portentosa intelligencia, vindo, ao encontro dos obreiros da liberdade, berrar em plena sessão do parlamento: « Eu dou mais pela Patria do que pelo negro. » Pouco se lhe importava que soffressem as agruras de um viver quasi irracional milhares de negros, aliás brasileiros; contanto que com a liberdade desses não se chocassem os interesses, arrebatando-lhe as propinas do poder. Portanto não admira que lançasse mão de um qualquer subterfugio para, prejudicando a *um só*, ser agradável ao *comité* do partido, de que dependia.

O amigo convencendo-me de que o negro no Rio Grande do Sul é como bife, que quanto mais se bate, mais molle fica, não vê n'isso preconceito de côr e sim politico: paciencia, sua alma, sua palma.

Quanto ao recrutamento, nós aqui e, no Rio, *O Figaro* e a *Cidade do Rio*, de propriedade do homem que no seu entender foi chamado para occupar cargo publico, profligamos

o abuso da preferencia dada aos ho-
mens de côr.

E. Calisto.

Triste anniversario

Lugubre para mim é o dia de
amanha, porque elle relembra-
me um facto que veiu enlutar
meu coração de joven — a morte
de minha mãe.

Faz annos, amanhã, que, em
um momento, eu vi cortado o
furo que se me anteviaha riso-
nho; vi discipadas todas as mi-
nhas esperanças, porque des-
apparecera, dentre os vivos,
aquella que me dispensava to-
da a sorte de caricias, aquella
que me podia conduzir a um
porvir feliz.

Sim, porque, após sua morte
só me restava meu pae alque-
brado pelos annos e portanto
mal podia velar pela minha edu-
cação.

Nestas condições, isolado no
mundo, d'esse dia em diante,
vi-me na contingencia de luctar
pela existencia e sobretudo pa-
ra conservar o que me legaram
meus antepassados — um nome
honrado.

Pobre mãe! São decorridos
sete annos que perdi-te para
sempre, o que equivale o dizêr
que perdi o melhor thesouro
que podia possuir.

Seja-me permittido pois, ren-
der nestas singellas linhas um
preito de homenagem á tua me-
moria e que deposite em tua
campa uma lagrima de sau-
dade.

20 de Agosto de 93.

Marcilio Freitas.

DESASTRES

Na semana finda houve varios
desastres, d'entre os quaes destaca-
se o de que foi victima, pelo modo
horriavel por que deu-se, o infeliz me-
nino Leopoldo de Freitas Franco,
que teve a cabeça completamente
esmagada pelo bond n. 21, quando
distrahidamente brincava á rua Ge-
neral Canabarro.

Factos identicos se dão quasi que
seguidamente, muitas vezes devido
ao desleixo de paes que facilitam,
deixando as crianças vagabundear
pelas ruas.

Um fiscal original

Escrevem-nos do Parthenon:
« Foi, verdadeiramente feliz
em presentear o 6º districto
com um fiscal original á nossa
intendencia.

Devia melhor o aproveitar
mandando-o para a exposição
de Chicago ou para o Muséo
Nacional afim de ser admirado
por todos os povos e povoaes de
que ha noticia, como um mo-
delo vivo para o serviço da edi-
lidade, pois uma joia de tal qui-
late não deve estar se perdendo
no Parthenon, um recanto cam-
pestre da cidade.

Para deliciar o leitor offerece-
mos-lhe alguns de seus pedaci-
nhos:

E' domingo. Entra em uma
venda. Recebido pelo dono que
treme, presentindo que vae-lhe
acontecer *alguma*, pois ja o co-
nhece, pergunta-o: — Você tem
milho?

O táverneiro responde affir-
mativamente.

— Então, diz elle, bote quatro
de cachaça.

Se o pobre do táverneiro ga-
gueja lhe que não tem, elle
chimpa-lhe uma multa.

— Está multado, porque hoje
é domingo, não se vende.

Uns rapazes divertiram-se em
fazer correr uns matungos. O
celebre fiscal aproxima-se e
faz jogo em um delles.

Correm os cavallos, oh! des-
graça! perde o do fiscal, mas o
homem não perdeu o equilibrio,
exclama estaquiado na sua au-
toridade:

— Vocês não podem correr
sem minha licença; está nulla a
corrida; passem para cá meu
cobre senão vae tudo para a ca-
dêa.

Muito obrigará aos habitantes
deste arrabalde, levando ao co-
nhecimento do publico taes
factos, além de outros, que para
não amolar, deixo de ennume-
rar.

Um assignante.»

Sabemos que no proximo sabbado
realisa-se no salão Cosmopolita o
baile do *Club dos Quinze*.

Quadras loucas

A' A...

Pedes uns versos, menina,
A mim, descrente e sem fé;
A mim, querida, que é sina
Tragar teu desprezo até!

Ta bem sabes que o amor
E' planta do coração,
Que cresce, viça, dá flor
Regada pela illusão.

E os versos são os perfumes
Que da florsinha se exhala;
Ou são delirantes ciumes
De uma alma que não se cala

Se eu fosse, anjo nitente,
O eleito de teu amor,
Então, seria, libente,
Teu eterno trovador.

Em teu porte beberia
Inspiração divinal,
Co'a deleitosa alegria
Do goso de um ideal.

Nessa vida tormentosa,
Teu sorriso, minha bella,
E' como a estrella bondosa
Logo após d'uma procella.

E, de quem ouve a tua voz,
Qual um doudo que delira,
O coração bate veloz
E alegre a alma suspira

Com vontade louca, inquieta
De em teus labios, sequiosa,
Ir pensar, qual borboleta
Na corolla de uma rosa

Se fosse eu, quem me déra!
Teu amor seria, assim,
Teu olhar a primavera
Florescendo o meu jardim.

Mas não sou, bem sei não sou;
Tens por outro amor ardente;
Vou, portanto, chorar, vou,
Na cama que é logar quente.

HELIO SILVA.

Recebemos *O Futuro*, interes-
sante hebdomadario que pu-
blica na cidade de Pelotas.
Agradecidos.

Amor sem ventura

(Conclusão)

Foi ahí, na tranquillidade do ar que a foi perturbar em seu viver de pomba mansa, ferindo-a com as settas de um olhar doloso o janota Olegario, uma especie de Manoel Hercutano da antiguidade moderna no gosto de trajar á ultima moia, no *dengue* do andar requebrado, e na indole em extremo libertina.

Pobre Georgina!

Vivendo retirada e estranha ao borburiho da sociedade desconhecia por completo as artimanhas perversas de que são capazes os homens; por isso não soube prevenir-se, com manhas de mulher traquejada, contra os olhares afogueados do mancebo que subtilmente voluptuosamente, arrebatava-lhe o coração do peito como uma ave de rapina a um passarinho implume do ninho!

Em uma bella occasião em que Olegario o embalava a alma credula, com phrases amorosas de romances, como «A morgadinha de val flor», «Damas das Camélias» e outros, que tencionadamente escolhia e decorava para ditar-lhe e que ella innocentemente ouvia com a solempne convicção de um justo, propoz-lhe o miseravel, repetindo-lhe mil vezes que a amava, uma entrevista; ás 11 horas da noite em em ponto, se fazendo annunciar por tres pedras atiradas na janella de seu quarto.

A principio os instinctos pudicos da joven se revoltaram contra tal proposta; e ella relutou, disse que não consentia em tal, que lhe ficava feio, etc. A rasão se oppunha; porém o patife tornou a carga com um palavriado adrede estudado para desfazer aquella já esperada repugnancia: falou-lhe ao coração, então venceram os sentimentos amorosos, e ella cedeu.

.....
Eram 5 horas da madrugada. Vinha surgindo a aurora vagarosamente como um preguiçoso em manhas frigiditas debaixo dos cobertores, quando Olegario,

precipitado qual um ladrão que levasse comsigo uma joia de valor, embaraçando-se na capa hespanhola saltou a janella.

Porém a ronda que recolhia-se a quarteis avistando-o de longe e estranhando aquelle novo systema de se sahir de casa sem ser pela porta da rua desconfiou do caso apressou o passo, gritando em seguida: — Pare-se! está preso.

Não havia como fugir. O rapaz bem comprehendeu que se dissesse aos policiaes, que vinha de uma extravagancia com uma criada da casa onde o viram sahir, elles não poriam duvida em largal o, não levando em conta de um delicto sua *estrapolia*; mas reflexionou sobre as consequencias, por ser a moça de menor idade, e resolveu não dar resposta satisfactoria ás perguntas que lhe faziam, preferindo ir á cadêa.

No outro dia lia-se nas «Notas Policiaes» do *Mercantil*, «Olegario de Mirandola, recolhido por crime de furto; preso em flagrante, pulando uma janella» Seis mezes depois desse facto Georgina sahia da casa onde se abrigára da diffamação dos maldizentes, para ir morar uma rua deserta levando comsigo a semente do fructo de seus amores em gestação progressiva.

Um dia que Olegario passava, inesperadamente pela dita rua, todo *repimpado* ao lado da namorada, a quem ia dizendo que nunca enganára a mulher alguma, feriu-lhe os ouvidos uma voz conhecida que gritava:

— Olegario! Olegario! alma de bronze! vem ver teu filho! Era Georgina. Olegario voltou-se para responder-lhe, empavonado.

— São todas assim mesmo!... Quem lhe autorisou a dizer que esse filho é meu? Então pôde se saber quem foi o agricultor que enterrou a semente que germina! ?

— Ah! bandido!... Foi a palavra que articulou Georgina, envolta no gemido arrancado pela dôr da bofetada de desprezo que recebera de cheio no coração honesto, n'aquella

phrase, mal decorada, de uma personagem cynica do bello drama de Arthur Rocha — *O filho bastardo*.

Parthenon. — C. L. TRISTÃO.

Festividades

Perante enorme concorrência, realisou-se no dia 15 do corrente, na igreja de N. S. da Conceição a festa de N. S. da Gloria.

— Hoje, na mesma igreja, celebrar-se-á a de S. Joaquim.

Na semana que hoje finda passaram pelo dissabor de perder sua mãe o cidadão Manoel Bernabó; e um pequeno filho o cidadão Firmino da Cunha.

A ambos nossas condolências.

Vae sem commentarios...

A 14 do corrente tomou passagem no *Aymoré* o pastor Carlos Schaefer, padre protestante e professor de allemão.

Tendo desflorado uma das donzelas de nossa melhor sociedade, foi *coagido* a fugir, deixando de responder pelo crime que acabava de commetter.

Consortorios

Consortiaram-se hontem:

O cidadão José dos Santos e a joven Bertholina de Lima;
O cidadão Silvino Hildebrando da Silva com D. Luiza Lisbôa da Silva.
Aos venturosos pares desejamos toda a sorte de felicidades.

No domingo ultimo foi dado á sepultura o cadaver da digna moça, D. Julia dos Santos, virtuosa esposa do laborioso cidadão Ezequiel dos Santos.

Ao inconsolavel esposo testemunhamos nossas condolências, bem como aos demais parentes da finada.

Enfermo

Ha dias acha-se retido no leito, *accommettido* de pertinaz enfermidade, o intelligente empregado da secretaria do interior, nosso amigo Sergio de Bittencourt.

Almejamos que seja breve seu completo restabelecimento.

Quebra coco

A decifração da charada em quadra ultimamente publicada é a seguinte:

Rima
Iris
Mira
Azar

Para hoje temos este:

LOGOGRIPO

A VELUTIDIO SIQUEIRA

E' de pau e é de ferro!—4-8-2-8-9
E' riqueza do Pará,—7-8-7-8-9
Na cidade italiana—1-2-9-4-3-6-7-8
Este verbo, então, será—4-5-6-7-5-2

Conceito igual a este
Só se dá a um amigo
Quando o julgamos fraco
P'ra livrar-se d'um perigo.

Miguel Cardoso.

Uma pagina triste

III

—Todas são boas raparigas e vêm vendidas, porque morreu-lhes a senhora e os herdeiros precisam de dinheiro para partilha no inventario.

—Senhor Joman, disse Cabral, já vendi muitos escravos; hoje estou velho, cansado, sou solteiro e independente; desejo ter, em minha casa, uma mulher capaz de cumprir com seus deveres e de merecer minha confiança. Desejo que Luiza me seja apresentada, em vista da maneira lisonjeira com que o Sr. capitão a elogia. Joman: Pois não, Sr. Cabral; e mandou vir Luiza á presença de ambos. Ao chegar Luiza, disse Joman: «eis ahi, amigo, a prenda de que lhe fallei».

Cabral observou-a com cuidado e fez-lhe varias interrogações, que tiveram resposta satisfactoria. Luiza, que tivera educação bem cuidada e cercada de carinhos, desfez-se em pranto, recordando-se de seu passado.

Cabral e Joman eram até então sem ouvidos para sentir os queixumes desses infelizes; mas o pranto de Luiza os commoveu e, por alguns minutos, dei-

xou-os mudos, com a cabeça pendida, entregues á pensamentos vagos, que então lhes torturavam a alma

Cabral despertou o silencio, estendeu a mão a Luiza e disse-lhe:

«Conta com a minha protecção».

Joman mandou-a retirar-se e, com Cabral, ficou só, conversando sobre o estranho caso.

Negociaram a venda de Luiza que, na casa de Cabral, foi sempre um elemento de ordem e mereceu de todos acatamento e respeito pela sua belleza e virtudes

Cabral deixára de negociar com escravos, porque se com penetrara de que a terra era dos homens; que eram todos descendentes de um mesmo tronco; e que não podia dispor impunemente da vida, da honra, da liberdade e do futuro desses seus infelizes semelhantes

A. J. Serrafria.

(Continúa)

Do *Cruzeiro do Norte*, jornal que se publica em Maceió, estado de Alagoas, extrahimos o seguinte:

«PERSEVERANÇA E AUXILIO

Da secretaria desta sociedade nós enviaram as seguinte linhas:

A illustrada redacção d'*O Exemplo*, periodico que se edita em Porto Alegre, estado do Rio Grande do Sul, acudindo ao apello que ao seu patriotismo lhe fez por circular a sociedade *Perseverança e Auxilio dos Caixeiros de Maceió*, não só se dignou de enviar á bibliotheca desta corporação o seu conceituado jornal, como tambem um exemplar do bello romance de Affonso Delpit, intitulado *A vida tal qual é*, traducção de Matheus de Magalhães.

Digno e sobremodo louvavel é o exemplo que, com esta acção generosa, acaba a redacção d'*O Exemplo* de dar aos seus collegas de imprensa.

E a sociedade que só tem motivos de gratidão para aquelles que tao bem comprehendem os

fins grandiosos? que ella se põe, não pôde portanto deixar de manifestar o seu profundo agradecimento á distincta redacção d'*O Exemplo*, pela valiosa offerta que teve a gentileza de fazer á sua bibliotheca.»

Informam-nos que, na rua Silveira Martins, uma sociedade, que tem a denominação de União Operaria, realisou no dia 12 um baile que correu animadamente; copa abundante e musica excellente.

Annuncios

Precisa-se alugar na casa n. 167 A, á rua da Varzinha, uma menina de 14 a 15 para cuidar de uma criança



Marcilio Freitas, convida a seus parentes e pessoas de sua amisade, para assistirem á missa que em suffragio da alma de sua sempre lembrada mãe

Maria Angelica da Costa Freitas

manda rezar amanhã, ás 8 horas, na igreja de N. S. do Rosario pelo 7º anniversario de seu fallecimento.

MISSAS

Luiz Frederico Homero e Carolina Maria da Conceição, irmãos do fallecido

Caetano Frederico Homero convidam a todos os parentes e pessoa de amisade para assistirem ás missas do 30º dia do passamento d'aquelle finado, no dia 23 do corrente, ás 8 horas da manhã, na igreja de N. S. do Rosario.

A's pessoas que comparecerem a esse acto de religião, se confessam summamente gratos.

Casamento civil

F. Calisto encarrega-se de preparar todos os papeis para o casamento civil. Residencia—rua dos Andradas n. 247.